

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

Ano III—Numero 125

Preço avulso 1 Escudo

12 Páginas

O DOMINGO

SEMANARIO

R. D. PEDRO V-18
TELE. 631-N. LISBOA

ilustrado

AGENTES EM

TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTÍCIAS & ACTUALIDADES GRÁFICAS - TEATROS SPORTS & AVENTURAS - CONSULTÓRIOS & UTILIDADES



O BEIJO DA VICTORIA!

O beijo do grande aviador Bleriot—o avião francês que primeiro atravessou a Mancha— e o jovem herói Lindbergh, que atravessou o Atlantico sem escala.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

ESTE NUMERO FOI VISADO
PELA COMISSÃO DE CENSURA

chronica da semana

O DESFALQUE

O desfalque está um pouco em moda. De quando em quando, os jornais anunciam: «Desfalque de cem contos... desfalque de quinhentos contos... desfalque de mil contos...» E não é só em casas particulares, em casas comerciais ou bancarias, que o microbio do desfalque faz das suas.

A epidemia alastrou e passa com uma certa intensidade nos estabelecimentos do Estado.

Há dias, foi no forte da Trafaria. Ontem, foi num asilo de caridade.

O autor do desfalque era uma pessoa considerada, respeitável, mesmo. Ninguém o julgaria capaz de cometer um acto menos honesto, um acto que manchasse para sempre uma vida inteira de trabalho. Pois, contra toda a expectativa, cometeu esse acto. Desfalcou.

A razão do desfalque é quasi sempre a mesma: o jogo. Sempre que esse demónio de olhos verdes abre as suas portas negras sobre uma pobre criatura de Cristo que não tem força para lhe resistir, a catástrofe é inevitável.

O autor do desfalque jogou. Jogou e perdeu. Perdeu o dinheiro que não era dele. Por fim, viu-se perdido. Quiz meter uma bala na cabeça, mas pensou que não era agradável morrer. Em todo o caso, escreveu uma carta á familia — convencido de que se ia suicidar. Mas teve também o cuidado, que pode parecer estranho num suicida convicto, de levantar os ulimos cento e vinte contos que havia no cofre. O leitor dirá com ironia:

—Não queria ir para a sepultura sem algum dinheiro... Nunca se sabe o que pode acontecer e homem prevenido, mesmo no outro mundo, vale por dois.

Finalmente o que ele queria, como a morte está difícil, era simplesmente prevenir-se para pagar um enterro de primeira classe.

NORBERTO LOPES

HA MUITOS ANOS...



—Quando eu tinha a sua idade, um homem nunca deixava uma senhora viajar de pé!
—Pois sim, minha senhora, mas nesse tempo viajava-se de diligência...

Má Língua

DIZERES DO POVO

«COMER A PINHA»

Entre outras expressões puras e bellas, «comer a pinha» é uma expressão usada pelo povo mais rude das vielas e também pela gente mais cotada.

«Vem do dia em que uma alma dedicada a benfardos—[as grandes comedelas] alimentou a furia revoltada com as pinhas de ferro das janellas?»

Não sei dizer qual a etymologia; sei que «comer a pinha» é hoje em dia o mais constante e procurado gesto.

E' uma orgia de pinhas e pinhões! Não se escaldarão nunca os comiões desse manjar por vezes indigesto? ...

«O OLHO DA RUA»

Como se faz mister ter muito olho na rua que se vai atravessar não vinha um auto ou suvia um side-car que ponha o transeunte em popa e molho,

e como isso costuma escassear indo a gente esbarrar-se em tanto escolho, por nunca ver, mesmo sem ser zarolho aquillo em que devia reparar,

o sr. commandante dos policiaes insiste em providencias. Que delicias! Que altas realizações de um alto ideal!

O olho da rua é phrase com bofio, pois substitua-o, —veja-se o Rocio— o olho da providencia policial.

«ALLI HA GATO»

Um grande aviador americano com fôros de maluco e de arrejado, meteu-se num avião apropriado deu um saltinho, atravessou o oceano.

Para esse empreendimento, sobre-humano — mais vale só que mal acompanhado! — trouxe apenas esphyngico, a seu lado, o vulto grave e amigo de um bichano.

Sempre estou para ver se ogôra o povo continuará, ante este facto novo, a tratar os felinos com mau trato! ...

Devia murmurar ás eminencias nas suas mais falladas contingencias: —«Celebre és tu... Mas onde está o gato?»—

«ENTRAR DE SEMANA»

Quer dizer troça; acho eu; desfaçatez, desplante, burla, qualquer coisa assim, a que a gente mal vê principio ou fim, origens, causas, fitos, e porquê.

E' um costume muito portuguez! Vem um diabinho e faz de cherubim, e delta pôses de perlim-pim-pim nos olhos ennevoados do friguez ...

Um 'spirito pezado, coêdo e chocho um geito, do feito de um arrocho, para illudir o incauto cidadão.

Ha uns mais brandos, e outros mais completos. Quantos não ha, que, meio-analphabets andam a presumir de illustração? ...

TAÇO

Do "diario" dum marinheiro alemão desembarcado ontem:

Desembarcámos ás três. A tal «Praça do Cavalo Negro», a que os ingleses chamam a «Black Horse Square» não tem tal cavalo preto nenhum. O cavalo é verde. Os pretos, esses andam na rua.

Quando desembarcámos veio ao nosso encontro uma população grande, de gente descalça, usando um esboço um sacco de café e meia de mulher, negra e longa. Uma rapariga também descalça e escura como uma chana, tendo uma ferida na boca, um cravo numa orelha, veio oferecer umas flores repelentes, e carras como na Alemanha.

Bastantes automoveis nos esperavam. Entrámos num, mas as ruas são ferradas de seixos do mar, postos em bico, e alem disso todas a subir, de forma que o carro dá-nos a impressão de ir guiado por Charlot.

Apeámos-nos e fomos cercados por pedintes. Alguns soldados ofereceram-nos vinho preto, numa casa preta. Aqui todas as casas de vinho são pretas. A tarde fomos ver as lojas. Ha muitas coisas que poderíamos comprar na Alemanha por um terço do que aqui custam e por isso não levamos lembranças. A's portas das lojas estão pedintes.

Fomos aos «Jeronimos», que é o convento onde toda a gente vai. Tem que se atravessar toda a rua das fabricas, também feita com seixos

postos em pé, e é muito difficil andar em cima dos seixos. Chama-se Rua 4 de Julho que é a data duma revolução antiga. Nos «Jeronimos» vimos uma linda porta antiga, de onde saíram os navegantes do seculo XVI. A porta havia pedintes. Dentro da igreja, que é muito bonita e está cheia de estacas para não cair, havia também pedintes.

Depois metemo-nos num carro electrico, todo amarelo. Aqui os electricos são absolutamente amarelos e tem riscos encarnados. Parecem uma algoria á Espanha, mas são ingleses. Fomos á «Estação do Fossio», o comboio sai do 1.º andar e a estação parece-se com os «Jeronimos» mas tem ferraduras nas portas. Fora da Estação, havia pedintes, e dentro da Estação, também os havia. Em frente é o Teatro Nacional. Por baixo está uma esquadra da policia e dentro vê-se um retrato e a «Republica», em gesso. Estavam presos alguns pedintes. A porta estavam pedintes. Fora esta am também pedintes e por baixo das columnas grandes do edificio dormiam pessoas, que deviam ser pedintes. Viemos para bordo. Então pedimos aos pedintes que não pedissem mais e fugimos.

Pela indiscreção
O HOMEM QUE PASSA

ECOS

O civico na grelha

Ha umas noites appareceu na Praça dos Restauradores, em Lisboa, um civico, posto de pé sobre um esquentador ou grelha, illuminado diabolicamente a vermelho.

Tem o que seja de aparição de magia barata. Mas é apenas um sinalero. Conheçamos as principais capitais da Europa e consequentemente os seus aspectos publicos. A questão do transitio, ainda absolutamente por regular e por estudar entre nós, está incomodando vivamente a população da capital, sujeita a experiencias que possivelmente bem intencionadas são falhas de orientação e de estudo ponderado e competente, e só irritam justissimamente o publico.

Sabido é que a direcção do transitio em Paris é da competencia da repartição de engenharia do municipio, que faz os regulamentos dos locais. Nada mais complicado, mais difficil do que regula-lo, para os diversos locais, cujo movimento varia com as horas e com os dias.

E, voltando á grelha dos Restauradores, seria interessante referir que tendo os guardas que estar todo o dia ao sol, ou á chuva, se poderiam construir as estações cobertas, á moda de Viena d'Austria, modernas, simples e praticas.

A Semana da Criança

Deram por ela? Advinhamos a resposta. Pois nós também não... Vimos a mesma imunda e inocente gaiatada, a torrar ao sol ou a correr de sol a sol, apregoando jornais. Nem bôdos, nem distribuição de enovais, nem uma passeata ás praias. Nada. Mas ao menos, as crianças portuguezas não viram esta última semana enlutada por uma tremenda catástrofe como aconteceu em Inglaterra, onde houve uma explosão de dinamite nas caves duma escola, morrendo quarenta pequenos súbdito do rei Jorge. Que nome se dará á fera que collocou cartuchos explosivos nas caves duma escola? Em Portugal, «país da bomba», está um pouco mais atrazado em selvageria...

Um belo livro

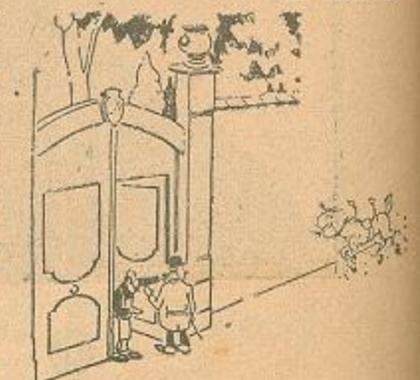
O grande poeta Afonso Lopes Vieira, dos maiores chefes de escola da nossa literatura contemporanea, acabou de lançar o volume «Versos de Afonso Lopes Vieira», relicari das suas melhores produções. E' um livro para as boas estantes, para os altos espiritos para o Povo, digno desse nome.

A Afonso Lopes Vieira saudamos pelo apuramento da obra notavel.

Woodstock

A maquina de escrever preferida.
J. Gonçalves-Calçada do Carmo 10

A VISITA



—O senhor marques está?
—Não senhor, saiu a cavallo...
—Demora-se...
—Não sei... ah! não se demora nada... já vai em cavallo...

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

DOMINGO
Illustrado

HUMORISMO



O Inocencio e os actores

principalmente dos bons que só perdem com a mistura. Mas agora tenho que deixá-lo.

— Já? Pois é pena, tinha ainda tanto que dizer-lhe.

— Mas que quere, falta-me o espaço quero dizer, o tempo.

— Nesse caso apareça no proximo numero, quero dizer, no proximo domingo, p'ro cavaco. Já que falei dos actores, quero dizer-lhe agora dos autores.

— Que amabilidade a sua; não sei como recusar, perdão, não sei como agradecer...

— O prazer é todo meu...

— O' Inocencio, por quem é...

— Neste caso, creia, não sou nem por uns, nem por outros. Falo apenas em nome do publico pagante e creia, meu amigo, eu, que era um apaixonado do teatro, afasto-me dele hoje com pena, com amargura. Mas prégando a verdade hei de procurar reabilitá-lo. Será para mim como nova religião que a todo o custo hei-de impôr ao interesse dos que me cercam, a fim de criar adeptos para o seu ressurgimento.

— Mas V. está hipico, quero dizer, épico, Inocencio; gosto de o ver assim como que aureolado por esse grande entusiasmo e decidido a tentar essa nova especie de catequese em prol do nosso teatro. De facto, o seu gesto, a sua nobre attitude, só o nobilita aos olhos da sua patria e dos seus concidadãos, mas é inutil, creia. Você não consegue catequisar os culpados deste estado de coisas lamentavel...

— Qual catequisar! Os culpados não precisavam de quem os catequisasse, o que eles precisavam era de quem os cacetisasse...

AUGUSTO CUNHA

Bento, Silva, Pinto, L. da

ESTABELECIMENTO DE PENHORES

SALÃO DE EXPOSIÇÕES - 126, Rua Alves Correia, 128

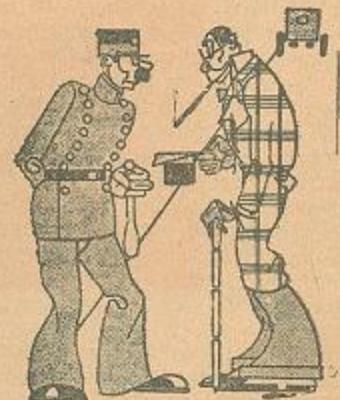
Mobiliás, colres, planos, ourivesaria, gramofones, discos

126, 128, Rua Alves Correia, 141, 147

LISBOA

TELEPHONE 3256-N

SINAL CERTO



— Senhor guarda, não vin passar um s'pito com multa pressa?
— Não tinha nenhum sinal particular?
— Tinha, sim senhor. Levava a minha carteira na algibeira.

— **D**ECIDIDAMENTE o teatro está já naquele estado comatoso, que precede nos grandes males a agonia,— dizia-me ontem, num atroz e enfático pessimismo o Inocencio.

— Não digo tanto—contrariei sem grande convicção.

— E' que por certo não o tem frequentado ultimamente. E faz bem. Eu vou fazer o mesmo. Não temos originaes. O teatro é todo de importação.

— Mas isso que importa?

— Não importava de facto, para quem nele visse apenas uma distracção, se ao menos fosse bom ou bem adaptado ou traduzido. Mas nesse ponto os tradutores são como estes comerciantes sem gosto, que vão adquirir lá fora, precisamente, o que por lá se encontra de pior; e mesmo isso tão mal tratado pelo caminho que chega cá tudo partido, estragado.

— Você está hoje, pelo visto, no seu dia das felizes comparações.

— Mas ainda não é tudo. Para co-roar condignamente este desastre, não temos depois quem represente esses monos que o estrangeiro nos impinge. Em cada companhia ha 2 ou 3 figuras que se aproveitam; verdadeiros artistas, encontra, quando muito, metade dum em cada elenco...

— Isso é horrivel, Inocencio!

— O resto é uma colecção de canastrões que nem um teatro de amadores consentiria. Depois da guerra, principalmente, uma verdadeira horda de barbaros invadiu os palcos portugueses. E a explicação é simples. São os falhados das outras profissões, os que no palco da vida nunca dariam nada; os que não podiam satisfazer as exigencias, cada vez maiores, da scena da existencia; os que não tendo sequer habilidade para representar esta comedia constante do dia a dia, invadiram os palcos, onde apenas são obrigados a representar algumas horas cada noite.

— Mas V. exagera Inocencio! Está hoje pior do figado?

— E' o que lhe digo. A's vezes estou no teatro e estou a dizer comigo: Como a guerra conseguiu transformar tudo! Agora o palco, afinal, é na plateia. Al sim, podemos encontrar as grandes vocações, os grandes artistas, os gran-

des actores. Aquele a representar de rico, este de culto, aquele no grave papel de banqueiro em que se vai aguentando, outro numa rabula difficil de apaixonado, outro de critico, outro de homem superior; esta no espinhoso papel de senhora séria, que apezar de não lhe estar nada a caracter desempenha por forma a dar-nos a completa illusão da realidade; aquela que já pas-



sou dos 60, toda oxigenada, frizada, ondulada e passada a ferros electricos, fazendo, melhor que certas veteranas do palco, uma ingenua de 20 anos; e todos maquilados, caracterizados, falsificados; elas á força de poudres, batons, craions, rouges, cremes; eles a poder de tintas, cosmeticos e capachinhos; e para completar este conjunto, dando um belo exemplo ás emprezas, o guarda roupa esmerado, ótimo, perfeito; nalguns até á custa dos mais inconcebiveis sacrificios. Mas devemos confessar que só assim pode montar-se condignamente uma peça, que ela seja das que se fazem simplesmente para as plateias, quer seja das que se representam para todo o mundo.

Mas o que há de mais admiravel nestes artistas é a expressão, a mascara e a naturalidade.

Como conseguem por vezes dar-nos a perfeita impressão de bem estar da felicidade, com intimas tragedias a corcê-los, a miná-los constantemente.

Como conseguem rir, sem ter aquele riso forçado das ribaltas, apesar das ondas de pranto que lhe vão na alma; como podem...

— O' Inocencio, por Deus, faça cair o pano por momentos. Você está comovedor. Tenha dó de mim que trago só um lenço hoje comigo.

— Entretanto, no palco, o meu amigo vê papeis muito mais facéis, mais simples, pelo menos mais curtos, pessimamente desempenhados.

E no palco os papeis estão já feitos, escritos, decorados, ao passo que na plateia são os proprios interpretes que têm de os fazer, de os improvisar.

Apenas um ou outro estará provido de frases feitas, mas na maior parte dos casos, as scenas sucedem-se e as frases surgem de improviso, o que é

muito mais difficil. O mesmo acontece com os gestos e as attitudes. E' por tudo isto que o teatro perde o interesse. Francamente ir gastar uma fortuna num camarote, para nos aborrecermos e arranjarmos uma dose de sono para 8 dias, acho forte. Para adormecer fica muito mais barato lêr por exemplo na cama todas as noites o «Diario do Governo».

Não tenha duvida que há muito mais originalidade e mais acção e mais enredo em qualquer vida particular dos nossos vizinhos ou parentes, do que em todas as peças que por aí se representam. Com a agravante de que no teatro o numero de scenas tem de ser muito mais reduzido pela rapidez da acção, ao passo que as peças particulares, de trazer por casa, são como as fitas em jornadas, que nunca mais acabam; e são de borla, o que é mais economico.

— Mas não sejamos injustos. Ainda temos actores.

— Perfeitos não encontra hoje meia duzia. A não ser que consiga fazer isto: como um actor, para ter esse nome, deve possuir um certo numero de qualidades, a meu ver, imprescindiveis, e como em geral cada um dos nossos actores tem apenas algumas, das muitas qualidades necessárias, só aproveitando e reunindo em alguns as qualidades de varios. Porque os nossos actores ou não tem voz, ou não tem figura, ou não sabem dizer, ou não sabem vestir ou não sabem estar...

— Tem razão, nem as mulheres, nem

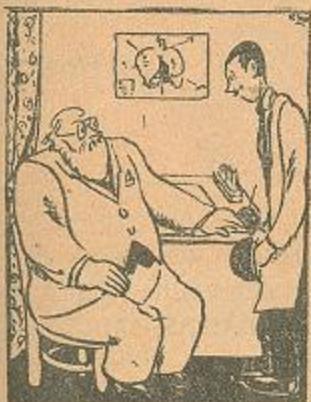


as nossas actrizes em geral sabem vestir-se.

— Dessas a maior parte o que melhor sabem é despir-se. E ás vezes tenho vontade de os mandar despir a todos, tanto a eles, como a elas. Os nossos actores são sempre eguaes, perfeitamente inconfundiveis em todos os papeis, com os mesmos traços, gestos e attitudes, a mesma incompetencia, as mesmas gaucheries e defeitos.

— Tem razão mais uma vez, ó Inocencio, mas tenha esperanza, que tudo melhora com o tempo. A selecção ha de fazer-se em beneficio de todos e prin-

NO CONSULTORIO



— De que se queixa?
— Eu, Sr. Dr., sofro duma trepidação nos ouvidos, assim como campainhas electricas...
— Isso pode ser grave. Qual é a sua profissão?
— Criado de quartos num hotel...

Curiosidades

REABILITAÇÃO DOS MOCHOS

Poucas aves têm sido, na literatura, pintadas com cores mais sombrias do que os mochos. Durante séculos, aceitaram-nos como aves de mau agouro, e dizimavam-nos implacavelmente. Hoje mesmo, têm contra eles os preconceitos de muita gente boa. E, no entanto, são nossos amigos e, principalmente em algumas regiões, vigiam os jardins e os pomares, enquanto os proprietários dormem. Guardam-nos contra o sinistro e numeroso exército de arganazes, ratos, ratazanas e esquilos, que reduziria algumas colheitas a proporções desastrosas. De resto, a natureza armou estes guardas nocturnos de maneira a eles poderem exercer a vontade a sua benéfica acção. O Dr. A. Fischer, eminente naturalista americano, especialista no assunto, pôde, recentemente, constatar que duas corujas, instaladas numa das torres da «Smithsonian Institution» de Washington (E. U.), finham devorado, no espaço de alguns meses, 1.596 ratos, 134 ratazanas, 54 musaranhos e 37 outros roedores.

AS AVESTRUZES E A MODA

Os proprietários de avestruzes da região de Oudstroom, na África do Sul, desesperaram de ver de novo a moda preconizar o uso das penas dessas aves. Mataram já duzentas mil, e o massacre ainda agora começa. O que se ha-de fazer desse enorme stock de penas? Inventar-se-ha uma nova maneira de as usar? Os pequenos chapéus das senhoras parecem pouco próprios para as aceitarem. Nestas condições, só se os homens se resolverem a voltar aos grandes «sombros» de plumas, á moda de Luís XIII.

OS OVOS DE SEXTA-FEIRA SANTA

Uma lenda diz que os ovos postos em Sexta-feira de Paixão se conservam um ano. Esta milagrosa imunidade seria uma recompensa concedida aos galináceos, como recordação do galo cujo canto acordou a consciência de São Pedro, depois de ter renegado o Senhor. Um sábio inglês, o Dr. Shelly, quiz saber o que havia de verdade nesta tradição. Já sabia que os ovos para guardar devem estar o mais limpos possível. E tendo, já há muito tempo, preparado a experiência, pôde constatar que os ovos postos não só em Sexta-feira de Paixão como em todos os dias do ano se conservam quasi indefinidamente sem o auxílio de qualquer produto químico, uma vez que se observe essa condição de escrupuloso aceio, a fim de libertar completamente as cascas das bactérias que precipitariam a decomposição. O Dr. Shelly guardou os seus ovos numa caixa de cartão, que colocou num quarto onde o sol, no verão, penetra á vontade. Desta maneira, conservaram-se intactos durante vinte anos. Intactos, sob o ponto de vista da sciência, porque as cascas apenas continham uma pequena massa ressequida, mais dura do que a madeira.

A TRAGEDIA DO "OISEAU BLANC"

O maravilhoso vôo de Lindbergh, a aguia de S. Luís, que voou trinta e duas horas, sem pousar e quasi sem ver mar nem ceu, veio tornar mais pungente—se é possível— a tragédia do «Oiseau Blanc», o avião que, na História da França, virá porventura a ter o mesmo significado simbólico do nosso Encoberto e de todas as figuras da História que, ao desaparecerem entre brumas de eterno silêncio, entram na Lenda, inevitavelmente.

Cavaleiros da Bruma que um endemoninhado corcel transportou até ás plagas misteriosas donde jámais há noticia, Nungesser e Coli, dois bravos heróis do ar, fugiram do mundo, como Sacadura Cabral e tantos outros, sem deixar vestígios, sem acordarem um simples eco de suas queixas ou revoltas contra o destino adverso.

Foi no domingo 8 de Maio, ás 5 h. e 21 m. da manhã, que o piloto Nungesser e o navegador Coli deixaram o aerodromo de Bourget, a bordo dum avião marítimo, com motor Lorraine Dietrich, de 450 H. P. Escortados por quatro aviões até ás 6 e 45 m., iniciaram nesse instante a travessia da Mancha e partiram para o grande vôo Paris-Nova-York.

Ao contrário do que muita gente supõe, Nungesser e Coli não tinham, por primacial objectivo, chegar á grande cidade norte-americana, mas sómente bater o record de distancia sem escala que, antes do vôo de Lindberg, estava em 5.200 quilómetros. Não disputavam nenhum dos prémios concedidos á primeira ligação por aeroplano entre Paris e Nova-York, e se—por um infelicissimo acaso—se tivessem visto forçados a seguir para a península do Labrador e mergulhado na imensa floresta do Canadá—, o seu fito estava absolutamente alcançado.

Durante trinta horas, depois da partida de Bourget, houve um imenso silêncio de expectativa. O coração da França bateu descompassadamente. Depois, entre o meio-dia e as 5 horas da tarde de segunda-feira, chegaram várias informações de triunfo: o avião de Nungesser chegara á Terra-Nova, passara por Halifax, fôra visto em Boston, estava já em Nova-York... Os jornais da noite davam a hora certa da chegada—4 horas e 50 m. da tarde—e um, melhor informado—transcrevia palavras dum discurso de Nungesser, nesse instante de entusiasmo louco... Paris vibrou de alegria.

A Verdade chegou depois, atrazada e irónica. Quarenta e oito horas depois da partida, Nungesser e Coli não haviam chegado a Nova-York nem a sitio donde pudessem dar notícias. E Nungesser e Coli só levavam óleo para menos de quarenta e cinco horas de vôo... A unica informação exacta era a de que o avião passara sobre a Irlanda.

A França, a França heroica das grandes horas de tragédia, aceitou logo o irremediável, e hoje já não procura os seus heroicos desaparecidos; procura só que justiça seja feita, em todo o mundo, á sciência e aos cuidados com que eles prepararam o seu raid, que tinha muito menos de aventureira cartada jogada com a Morte, do que de experiência científica, com seguras probabilidades de exito.

O avião marítimo escolhido era o de melhor garantia, em caso de amargem forçada. Possuía um trem de rodas aperfeiçoadissimo, apenas utilizável alguns segundos, no momento de descolar, e que era logo sóito do aparelho e arremessado a terra. O avião marítimo do construtor Levasseur tornava-se, liberto do trem de rodas, o mais rápido dos aparelhos de vôo.

A casa Lorraine forneceu a Nungesser dois motores, um para o aparelho, e outro, exactamente igual, para as experiências. O motor de experiência trabalhou quarenta e três horas, sempre a toda a força e sem a menor falha, até exgotar 4.011 litros de essencia; ora os reservatórios do aparelho podiam levar 4.025 litros. Perto do solo, a velocidade do aparelho era de 200 quilómetros á hora; Nungesser fez todos os seus cálculos para uma velocidade média de 165 quilómetros. Tinha mais que garantido, mesmo contando com os ventos mais contrários, um raio de acção de 7.000 quilómetros, superior em 1.800 ao record de distancia. Como se vê, tudo fôra calculado pela baixa, e dentro dos recursos humanos, tudo fôra previsto.

A descolagem foi fácil, e levou apenas 46 segundos. O avião percorreu apenas uns seiscentos metros, antes de levantar vôo, depois de tocar ainda uma vez em terra.

Nungesser e Coli—este com o seu imperturbável monóculo preto, cobrindo-lhe o olho perdido durante a guerra—aparentaram sempre a maior calma, o que não significa que não estivessem bastante comovidos.

Ás 4 horas e meia saíram da sala onde haviam repousado um pouco, e, já vestidos com os seus trajes de couro amarelado, acolchoados a seda, dirigiram-se, de automovel descoberto—por causa do imenso calor que os fatos lhes causavam—para o local onde fôra conduzido o aparelho.

Despedindo-se e abraçando alguns amigos, Nungesser teve uma frase emocionante: declarou que jogava a vida, mas que a jogaria entusiasticamente, até o fim.

Estas palavras do grande piloto tornaram mais angustiosa a evocação do que deve ter sido a catastrophe... Num scenario de agreste desolação, vê-se um homem jovem e forte a lutar desesperadamente, loucamente, com o vulto impreciso da Morte... E, ao lado dele, impassível, resignado, um rosto contraí-se pela ultima vez, numa bizzarra «coquetterie» perante a Morte, procurando segurar bem o seu monóculo negro...

BASÍLICA E IGREJA

Porque se diz *basílica* da Estrela e *igreja* de Santa Izabel? Que diferença há entre *basílica* e *igreja*? A seguinte: o nome de *basílica* só era dado a certas igrejas, por causa da importância religiosa destas. Era um título e uma dignidade a que eram elevadas pelo Papa, quasi sempre com caracter de perpetuidade e como deferimento dum pedido. A catedral de *Notre Dame* de Paris (que se chama *Notre-Dame des Victoires*) só muito recentemente, a 12 de Março de 1927, foi elevada, por um breve apostólico, á dignidade de *basílica*. Além de *Notre Dame*, Paris tem ainda outras duas *basílicas*: a de Santa Clotilde e a do Sacré Coeur, cujo nome religioso é «*basílica do voto nacional ao Sagrado Coração (Sacré Coeur) de Montmartre*».

UMA GREVE ORIGINAL

Numa fábrica de Tannrod, na Turíngia, uma operária foi apanhada e ferida por uma máquina, por se ter preso na engrenagem uma mecha da sua abundante cabeleira. A direcção da fábrica ordenou que as suas 200 operárias passassem a usar o cabelo cortado. Estas acharam bem, mas pediram aumento de salário para os gastos suplementares que exige o corte de cabelo. Os patrões não acederam ao pedido. Houve greve. Por fim, os patrões acederam e as operárias cortaram o cabelo. O *tertius gaudet*, desta vez, foram os cabeleiros de Tannrod.

COLARES DE PÉROLAS

O preço-«record» dos colares de pérolas pertence ao célebre colar de M.^{me} Thiers, avaliado em 600.000 francos em 1924 e hoje avaliado em 12 milhões de francos. Nos principios de 1923, um colar leiloado no palácio Dronot, de Paris, chegou aos dois milhões de francos. O colar que há pouco tempo perdeu a baronesa de Rothschild (e pouco depois foi encontrado) vale 1.200.000 francos.

Não admira que as pérolas vão sempre subindo de preço visto que as ostras periferas vão-se exgotando no mar de Ceilão.



Singer

Ultimos

Inventos

MAQUINAS ELECTRICAS PARA COSTURA, MOTORES ELECTRICOS DE FACIL APLICAÇÃO A TODAS AS MAQUINAS

EM LISBOA:

59, Praça dos Restauradores, 61 e em todas as filiais e agentes.

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

O DOMINGO
ilustrado

TEATROS

Alice Ogando



Apresentou-se ao publico como declamadora no recital de quinta-feira, no Salão da Liga Naval. Alice Ogando, brilhante poetisa e actriz de invulgares qualidades, alcançou um triunfo absoluto. O publico elegantissimo, que encheu a sala, victoriou-a, bem como a Corina Freire, a nossa eximia cultora de «lied».

Aldina de Sousa

A notavel interprete do *Bairro Alto*, que ganhou com esta peça uma popularidade que a sua arte e a sua voz bem portuguesas de ha muito mereciam, faz a sua festa na proxima segunda-feira.

Artista querida do publico e duma forma muito honesta de trabalho, Aldina vai ter, decerto, uma noite cheia de brilhantismo e de animação.

O *Domingo* tem muito prazer em se associar á homenagem prestada á simpática artista, enviando-lhe desde já os seus melhores cumprimentos.

Chiado Terrasse

O cinema da parte alta da cidade. O velho «Terrasse» agora arranjado de novo. O pai dos cinemas lisboetas. Ótimos films, sempre variados e para todos os paladares da publico. As grandes produções de aventuras. Preços em concorrência. Amplissima e elegante sala.

Olympia

Direcção de Leopoldo O'Donnell, um dos mestres da cinematografia portuguesa e um dos industriais mais categorizados. Films de primeira escolha. As grandes produções europeias e americanas. Ultimamente grandes transformações na sala e dependências, de forma a torna-la a preferida do publico.

S. Luiz

Polliteama

Trindade

Avenida

Apolo

Eden

Variedades

A unica grande companhia de opereta portugueza, sob a direcção do mestre em teatro musical, Armando de Vasconcelos. Grandes elementos como Auzenda de Oliveira, Vasco Santana, Aldina de Sousa e o baritono brasileiro Silvio Vieira que tanto culto já alcançou. A maior sala de espectaculos de Portugal. «Bairro Alto» soberba montagem.

A mais bela sala de espectaculos de arte moderna. Uma companhia esplendida com os nomes de Nascimento Fernandes, Rafael Marques e Conchita Ulla, grande estrela de «variétés». Actualmente, a opereta sem musica, cheia de verve: «Jolozinho».

A mais linda sala de espectaculos de Lisboa, com a companhia mais completa que possuamos. A grande Lucilla, com Erico, Almeida, Amelia Pereira e um formidavel grupo dramático que está á altura de mais difficil repertorio internacional. As noites mais artisticas da capital e os espectaculos mais emocionantes de Lisboa. A «Tosca».

Companhia «Satanella» Amaranze. A companhia mais simpática ao publico. Além de Amaranze — o mestre creador actual de tipos populares, este conjunto conta elementos como Luiza Satanela, uma notavel actriz que reúne o encanto duma mocidade fresca no «sic» parisiense de sua «salle». Hoje e por enquanto todas as noites «O Padre Curas».

Encerrado temporariamente

Cosulich Line

Presidente Wilson

esperado a 7 de Junho

Agentes: — E. PINTO BASTO & C.ª L.ª
CAES DO SODRÉ, 64, 1.ª

LISBOA

Telef.: C. 3601 3602 e 6603

UMA EVOCAÇÃO

Gremio de Artistas

O nosso querido e sempre saudoso Henrique Roldão, cujo espirito observador e cintilante não encontrou ainda rival nos que vêm chegando, escreveu a seu tempo esta pagina de critica a uma assembleia do Gremio de Artistas.

Agora, que tanto do Gremio se fala, a proposito dos ultimos incidentes, está em foco esta caricatura deliciosa, que ainda não envelheceu e parece de hoje. Como ele soube escarpelisar a vida desorientada dessas assembleias! Como ele compreendeu a psicologia dos nossos actores!

Tarde de assembleia geral. São seis horas e a reunião que estava marcada para as quatro ainda não principiou por falta de numero. O José Alves partiu para a «Chic», a ver se arrebanhava alguns socios com que fazer o numero legal. A Dona Ilda põe as cadeiras porque o Victor está a dormir, pois o bufete esteve aberto até tarde e o Veloso está na pensão Levy.

Aparece um socio que vai por lá ver se se governa ao «bluff» e é logo caçado para o livro de presenças. Chegam varios emissarios com alguns socios agarrados pela gola do casaco.

— Já estamos 21 !!!

— Ainda não! Faltam dois ainda!

— Então vai para a janela ver se passa alguem!

Toda a gente diz que aquilo assim não pode ser.

No bufete, a pensão Levy está á cunha, o grupo dramático Henriqueta Fernandes bebe cafés.

Só a campanha da presidencia.

— Está aberta a sessão!

Antes da ordem dos trabalhos, o Avelar lastima mais uma vez ver tão pouca gente. Todos lastimam igualmente e vão prometendo a si proprios nunca mais lá voltar.

Está na meza uma proposta:

«Proponho que a classe vá em massa protestar junto do governo contra o preço a que chagaram os batons».

O Pedro Bandeira pede a palavra para declarar que a proposta é de toda a conveniencia, não para ele, que felizmente não vive do teatro, mas para todos os trabalhadores. (Palmas).

O Augusto Melo pede a palavra para lembrar que a primeira pessoa que fez uso dos batons em Portugal foi o velho Teodorico. (Mais palmas).

O Samwel Diniz pede a palavra para declarar que não tem nada a dizer. (Ainda mais palmas).

O Constantino de Carvalho evoca os seus conhecimentos associativos, para afirmar que a questão dos batons é prevista pela lei dos sindicatos. (Outra vez palmas).

O José Climaco zanga-se porque a classe tão tarde se lembrasse da questão dos batons. (Outra porção de palmas).

O presidente põe a proposta á votação. E' aprovada por unanimidade. Quando já está aprovada, José Climaco levanta-se e afirma que aquilo não pode ser. (Palmas).

A classe concorda. E' novamente a proposta posta á aprovação e é regeitada.

José Climaco levanta-se e novamente zangado diz que aquilo não pode ser. A classe torna a concordar. E' novamente a proposta posta á aprovação e é aprovada.

Santos Carvalho requere para que se nomeie uma comissão para ir ao governo. (Palmas).

Rafael Marques propõe que a classe vá em massa. (Palmas).

Joaquim Miranda propõe um voto de louvor á comissão.

Muitas e prolongadas palmas.

CARTAS DE UM COMEDIANTE

Teatro Independente

Esteve em Paris uma «troupe» flamenga ambulante

Pela Belgica, o Teatro tambem visa fins comerciais, como em toda a parte...

Ou porque a legislação esteja a asfixiar as aspirações dos artistas ou porque haja um pouco de Ideal (dão-se alvissaras a quem encontrar aqui alguns vestigios dessa linda coisa), o certo é que se formou na Belgica uma companhia dialectal pelo prazer de fazer arte. Chama-se Teatro Popular Flamengo. E quais são os artistas que o compõem? Actores profissionais e musicos e pintores cançados de trabalhar para os empregarios, que tem todos os teatros na mão.

Vivem em sociedade artistica, sem hierarquias nem prerrogativas. Fazem escala pelas capitais, mas não desdenham embrenhar-se na cidade mais humilde.

Teatro ao vivo, seguem com os artistas o scenario, o mobiliario, toda a aparelhagem electrica.

«Somos uma «troupe» ambulante...» disse um dos actores a um jornalista.

Que bela coisa! Não poder o artista fixar-se em terra alguma... Eis aí a unica maneira de se defender das «côteries», do torvelinho de interesses, dos conhecimentos multiplicados dia a dia, e, com eles da extensa fieira de conveniencias e de contemplanções, fieira que se entrelaça, manietando o artista, reduzindo-o á inutilidade.

O Teatro Popular Flamengo esteve há cinco dias em Paris, depois de haver representado em Bruxelas, na Haya, em Gand, em Bruges, em Antuerpia, em Rotterdam, em Amsterdam.

Levaram á scena na Comedie des Champs Elysées «Lucifer», de Yoost van den Vondel.

A representação agradou imenso. Mas no dia seguinte os artistas partiram, sem dar ouvidos aos que lhes pediam mais espectaculos.

Não tiveram tempo de conhecer nem dramaturgos, nem actores...

CARLOS ABREU

O sr. Presidente encerra a sessão. A comissão que vae falar ao governo reúne e marca um encontro para o dia seguinte, mas como todos teem que fazer, delibera-se pedir ao dr. Feliciano Santos para falar ao ministro, mesmo pelo telefone.

O dr. alega razões de impossibilidade e então toma-se a resolução de não fazer nada e ir tomar um café á Chic

Maria Vitoria

A peça

ESTRELA D'ALVA

Opereta em 2 actos

de costumes serranos

Companhia Maria Matos-Mendonça de Carvalho, dois grandes nomes na arte dramatica; um formidavel repertorio de comedia, farças e drama. Exitos, «tournée» triumphais a attestarem o grande merito neste conjunto. Teatro elegante do Parque Mayer.

Actualmente «O Topa a Todo».

A revista «Secretario dos Amantes» com o quadro novo de grande successo «Triste Fado» desempenhado por Hortense Luz e Adellina Fernandes.

ANUNCIAR NO ÉCRAN LUMINOSO DO RO-CIO É FAZER UM ANUNCIO QUE A LISBOA TODA VÊ

Ramiro Pinto & C.

146, R. AUGUSTA, 148
TELEF.: C. 1646-LISBOA

CANDEIROS EM TODOS OS ESTILOS
BANHEIRAS, ESQUENTADORES E ARTIGOS SANITARIOS

Um homem
forte

Admirável pagina dum nosso co-
laborador desconhecido, onde
passa fremente de emoção e
de interesse uma linda novela

LUIZA levantara-se tarde. Desde ha três dias apoz a fuga a seu marido, no baile da embaixada brasileira, era o primeiro momento em que se encontrava só e podia pensar. E poz-se a recordar a sua vida, a gravidade do seu ultimo acto.

Filha unica do riquissimo banqueiro Diogo de Vasconcelos, um dos nossos colossos da finança, fora sempre amada por seu pai, de quem era o enlevo. Formosa, brilhante, prendada, a sua vida de solteira fôra uma ininterrupta festa. Era inteligente e culta, mas, estranha anomalia, supersticiosa e até visionaria. Romantica até á loucura. Extremamente impressionavel, sensível, bondosa. Coração excelente, prejudicado pela imaginação delirante, que tudo subordinava ao romanesco.

Adulada, festejada, vivia num côro permanente de louvôres e adorações— como uma deusa.

Na roda dos homens que gravitavam á volta da sua beleza e da sua fortuna, um era distinguido: o visconde da Senra. Chegou-se a falar em casamento. O visconde, uma bela figura de homem, agradável, distinto e educado, embora futil—amava-a verdadeiramente. Ela alimentava-lhe as esperanças, correspondendo-lhe a seu modo. Não era o homem que idealisara. Era perfeito, mas banal. Ela queria-o extraordinario, diferente de todos.

Foi então que um facto, aparentemente sem importancia, veio modificar toda a sua vida. Seu pai adoece. Para debelar o mal, embora pouco grave, era preciso opera-lo. O banqueiro mandou chamar o celebre Dr. Paulo Gomes. Este medico illustre e operador eminente, orgulho do seu país, cujos trabalhos sobre a cura do cancro em via de conclusão iam coloca-lo entre os maiores beneficeiros da humanidade—veio e realizou com a maior felicidade a pequena operação.

Era um homem de quarenta anos concentrado, aspero, seco, vivendo só para a sciencia. A sua vida, rectilinea, nunca tivera um desvio para o prazer, a beleza, a ternura. O banqueiro, grato aos seus serviços e orgulhoso das suas relações, procurou atraí-lo a sua casa. Luiza, mais por curiosidade do que por coquetismo, quiz derretêr aquele bloco de gelo. Ele tinha para ela o atractivo do desconhecido e invulgar. A sua sedução produziu um extraordinario milagre. O Dr. Paulo teve um deslumbramento. O seu coração vazio encheu-se dela, num amor de titan, absorvente, unico. Em breve pediu a sua mão ao banqueiro, que teve com isso um enorme jubilo. Luiza, esquecendo levanamente a sua ligação com o visconde da Senra, cedeu, depois duma pequena luta. Caminhava ás cegas e deliciosamente, para o ignorado. Não o amava, mas sentia-se orgulhosa por aquele homem de coração virgem, que ela enchera de amor. O romantismo sempre. Casaram. Depressa ela viu que errou. Ele era em tudo o avesso do seu temperamento. Era calmo, severo fleugmatico. Amava-a infinitamente, é, cetro, mas o seu amor

via lá muito dentro, sem exterioridades nem fogo. Ela era, ao contrario, em tudo exuberante, terna, inquieta, uma amorosa. Depois, o que mais a prendêra nêlo, o amor ao extraordinario, desapareceu. Achava-o vulgar, afinal. Concordava todavia em que era um excelente marido, como o são quasi todos os maridos vulgares. O seu affecto pelo visconde, uns tempos adormecido, despertou. Este fazia-lhe uma côrte assidua, facilitada pela confiança que o marido depositava nela. Irresoluta, medrosa, o perigo era agora o seu grande atractivo. O seu destrambelhamento romantico levou-a á queda. Esta teve o seu ultimo naquele baile de ha três dias, em que resolvera a fuga. E ali estava agora naquele ninho banal dum terceiro andar mobilado á pressa, onde a primeira ausencia do seu amante a punha no maior desassocêgo. Desde a hora da fuga, ele não a abandonara um minuto.

E só consentiu na sua saida desta manhã, obrigando-o a tomar as maio-

Era a morte de um deles. E ela sentia que ambas lhe custariam igualmente. Fôra uma grande criminosa, traindo a confiança daquele homem tão bom e que tanto a amava. Ele ha-de querer vingar-se, pensava. E quão terrivel não havia de ser a colera daquele homem frio! Vê-lo, era morrer de susto e de vergonha. Ainda bem que naquela rua pouco frequentada, sequestrada de todo o convívio, seria impossivel encontra-la. E um arripio corria-a toda, pensando que ele a andava a procurar, talvez para a matar. Teve medo de estar só. E começou a achar extraordinaria a demora do seu amante. Chegou á janela e afastou uma ponta da cortina, para olhar a rua. Deu-lhe o coração um baque e tão forte, que quasi ia caindo. Parecera-lhe ver caminhar rua abaixo, em direcção a sua casa, o John, o fiel criado inglês de seu marido. Esteve um momento imóvel, sem respirar. Uma campainha soou. E logo a criada appareceu. Fitou-a interrogativa, a tremêr:



John entrou, grave, solene, hirto.

res precauções. Um carro fechado e proibição absoluta de mostrar-se. A segurança de ambos assim o exigia.

E já a preocupava a demora. Nervosa, só architectava desgraças. O encontro com s.u marido—que horror!

—?

—E' um homem que ciz ser criado da senhora...

—Mas não lhe disseste que se enganava, que eu não morava aqui?

—Foi tudo inutil. Que havia de fa-

lar á senhora a todo o custo. Diz tra-zer uma comunicação grave...—Reflectiu um momento e depois, num arranço: —Pois bem, manda-o entrar. E deixou-se cair desalentada, num sofá. John entrou, grave, solene, hirto. Depois duma ligeira mesura, tirou da sua carteira uma carta timbrada, que lhe entregou. Era de seu marido. Ao ver-lhe a letra teve um estremecimento. E levantando-se impressionada, leu:

“Minha senhora: Estou a escrever-lhe calmo, tranquilo, sem odio. Para o fazer escolhi aquele gabinete de trabalho que a graça do seu retrato illumina, de proposito para a ver. Quando poiso os olhos em si não sinto repulção, mas pena. Não a odeio nem a vou recriminar. Os meus nervos, depois dum momento de desvaio, voltaram á sua costumada serenidade. O meu coração sangra interiormente, o golpe foi terrivel, mas o meu aspecto é o mesmo. Mentiria, se lhe não confessasse que na primeira hora tinha planeado uma terrivel vingança. Quiz mata-los. A si e a ele. Era um acto impensado. Uma nuvem que me passou pelo cerebro e me obscureceu o claro pensamento. Não. Era uma vingança injusta. Por um esforço titanico, fiz que o meu espirito ficasse limpo de odio. E vi, convenci-me, que ele não merecia a morte. Amava-a antes de mim, tinha direitos sobre o seu coração, quiz fazê-lo valer. Não, não devia mata-lo. O seu crime não era bastante para tal. Só o meu odio o exigia. Estou a desculpa-lo, para me justificar, perante si, de o deixar viver. Para com a senhora tambem o meu pensar se modificou. Como já lhe disse, eu não a odeio. Desgraçadamente, o meu amor por si continuou o mesmo, maior talvez. O amor, num homem como eu, nunca morre. A sua traição deu-lhe até uma nova vitalidade. E porque a amo, vingo-me. A senhora merecia morrer. Mas a sua morte não era uma vingança sufficiente para mim. A senhora, com o seu feito romanesco, ia morrer contente. Matando-a eu não merecia mais piedade. E a senhora ia morrer, julgando-se uma heroina, pelo seu amor. A tola literatura que lhe estragou o cerebro e o coração ia dulcificar-lhe a morte. E todo o sofrimento era para mim: o da sua morte, o do seu perjurio.

Não, não a matarei. Quero uma vingança melhor. Em que a senhora sofra mais e eu deixe de sofrer. E' justo, pois foi a senhora quem delinuiu. Já adivinhou talvez o que vou fazer. Vou matar-me. Exactamente. Está tudo preparado. Tenho a pistola carregada ao alcance da minha mão. Esta carta é o ultimo acto da minha vida. Um minuto depois de a assinar, terei deixado de existir. A morte será certa e instantanea. Não falharei a minha ultima operação. Apoz a minha morte, o John levar-lhe-ha esta carta. Eu sei onde mora. Não se admire. O meu odio, que os quiz matar, descobri-los-ia em toda a parte. Eu sou um homem forte. A senhora foi na minha vida a unica fraqueza. A morte vai vingar esta cobardia. Vou ser agora para si o que durante a vida fui para todos. Lego-

CONTINUAÇÃO NA PAGINA 7



O sonho

QUANDO o Cosme entrou, ela dormia. Deixara-se adormecer no 'maple' junto da escrevaninha, tendo nas mãos o retrato do seu novo amante. O Cosme entrou e debruçou-se para ela, orgulhoso, certo de que o retrato que ela tinha nas mãos era o seu. Recuou, desiludido, sem a olhar sequer, e pôde de novo o chapéu, retirou-se de mansinho, na ponta dos pés, escoando-se, para que ela o não ouvisse. E nunca mais apareceu.

—Como foi aquilo? — perguntava-me ela, um dia, intrigada. — Como foi que eu adormeci, assim, áquela hora? E ninguém sabia, ninguém, que eu tinha um amante. Que estupidez a minha! A verdade é que me tem custado a governar a vida! Porque, enfim, embora os maridos enganados sejam em grande numero, são igualmente numerosas as mulheres como eu, que se deixam adormecer com o retrato do amante nas mãos...

II



Perdida

—E agora?
A pergunta fazia-se num quarto de pensão e quem a fazia era uma galante rapariga de olhos de veludo, que começavam a molhar-se de lágrimas.
—Agora, o quê? — interrogou ele, por seu turno.
—Sim, bem vêes... Que fazemos?
—Vamos embora. Ou queres ficar aqui toda a vida?
—Não tenho coragem de sair, não tenho! Que vergonha!

Coisas da vida

Página admirável de Mario Salgueiro—poeta e jornalista—que se vem revelando nas nossas páginas um prosador cheio de personalidade e de equilíbrio.

—Ora, tem juízo. Sais, esperas o electrico, vais para casa.

—Mas, meu amor! Não te esqueças. O nosso casamento...

—Ah! Sim, o casamento... Anda, apressa-te, tenho que fazer.

—Vê lá o meu cabelo. Estou muito corada? Vê lá quem vai na rua...

—Estás piegas. E eu não tenho tempo para pieguices.

—Não te zangues. Mas tem paciência. Ouve...

Ele, porém, já a não ouviu. Desceu a escada numa correria e, saindo, aproveitou o electrico que passava.

Entre os humbrais daquela porta, vacilante, perdida de medo, olhando a rua e temendo-a, ela sentiu-se abandonada de todos. A multidão, indiferente, passava. E ela pensou, com lágrimas, no beijo triste que daria a sua mãe, quando entrasse em casa.

III



O conflito

—Sem mim, não trabalhas—dizia o rico.

—Sem mim, não comes—volvia o pobre.

—Eu domino-te—acentuava o primeiro.

—E eu revolto-me—retorquia o segundo.

—Somos a força.

—Somos o numero.

—Somos a Tradição.

—Somos o Futuro.

E neste diz-te, direi eu, levaram dias e anos o rico e o pobre, deixando parar as maquinas, enferrujar as enxadas, derruir o moinho e apodrecer o trigo nas eiras.

Pairou novamente o verão, veio de novo o inverno, voltaram a cobrir-se de flor as amendoeiras e os dois catturas, frente a frente, discutiam ainda:

—Eu dirijo.

—E eu produzo.

—Eu sou a intelligencia.

—Eu sou o braço.

—Eu invento.

—E eu executo.

Mas a fome apertava. E como se vissem sem pão, com a terra viuva de sementes, o moinho derruído pelos temporais e as maquinas paradas á falta de combustível, olharam espavoridos á sua volta. Que fazer? O rico pegou na enxada, e largou-a; o pobre quiz mover a maquina, mas não soube. Fitaram-se receosos, compreendendo-se num relance. E, enquanto o pobre revolvía heroicamente o seio da terra, o rico, movendo uma alavanca, punha de novo a maquina em movimento.

IV



«Quando nos conhecemos, tinha ela 18 anos. Zangava-se com os meus beijos e temia-se dos meus apetites. Hoje sou eu que me zango quando ela me beija e tenho medo dos seus desejos.»

Amei perdidamente — e ela amou-me perdidamente — uma rapariga casada. Quando o marido morreu, cessaram as nossas relações, esfriando subitamente o nosso amor, embora dois dias antes

Um homem forte

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 6

lhe o remorso eterno da minha morte. O da traição era pouco, ficará agora enorme. O meu desaparecimento — não é hora de modestia — é uma calamidade. Foi a senhora que me matou. Quero que todos o saibam. Não de sabê-lo. A humamidade ha-de odia-la, despreza-la. Terá a maldição de todos os que sofrem. Ha-de ser apontada, escarnevada, vilipendiada. O seu amor não lhe será um refugio. Nunca mais ha-de ama-lo. Não a deixarei eu. Nunca mais o abraçará, que o meu cadaver se não meta de permeio. No vermelho dos seus labios ha-de amargar sempre o meu sangue, que a não deixará beijar. E no seu coração só haverá logar para o remorso. Que a sua visão romantica das coisas não se confunda. Eu não

tivéssemos feito as juras mais ardentes e solenes.

Conheci uma rapariga sentimental, pela qual senti um grande entusiasmo, a que ela correspondeu com igual ardor. Namorámo-nos muito tempo e sempre aquecidos pela mesma paixão. No primeiro dia em que estívemos juntos essa paixão morreu, sem que, no entanto, pudessemos libertar-nos da sua sombra.

«Longe da vista, longe do coração», diz o ditado. Mas o ditado mente. Se eu estava, por vezes, aborrecido perto dela, bastava que saísse numa volta pela cidade, para a apeteer a meu lado e me arrepender daquele aborrecimento.

Quando lhe disse que a amava, estava ela a pensar em mim. Se lho tenho dito dois minutos mais cedo, repelia-me. E aqui está o segredo de muitas ligações, para as quais não se encontra explicação.

Quando ela soube que o meu amor era o menos platónico possível, rejubilou. Se até ali me demonstrara uma simpatia vulgar, de aí em diante tornou-se entusiástica. Mas só muito tarde eu pude aliar num estreito abraço esse entusiasmo ás tendencias do meu amor.

Quanto mais o nosso amor nos mente, mais verdadeiro nós o julgamos.

MARIO SALGUEIRO

Manuel A. Cabral

ALFAIATE

GRAND PRIX RIO DE JANEIRO 1938

Confecções em todos os generos.
Fazendas de novidade.

Tel. C. 2939

Rua do Ouro, 170, 1.º — LISBOA

fui um homem que morreu por si. Fui um homem que a senhora traiçoeiramente matou. Nas suas mãos brancas, ha-de perceber se sempre o sangue assassino... Não pôde ler mais. A carta, ama-fanhada, caiu. Fitou tremula, num desvaio, as suas mãos palidas, de marfim. E de olhar esgazeadado, num grito:

—John, pois é verdade?

—O senhor matou se esta manhã.

Nebulou se-lhe a vista, uma onda de sufocação tomou lhe a garganta, sentiu as pernas vergarem-se-lhe, as mãos tacteantes não encontraram um apoio, e caiu pesadamente no chão.

JULIO VALFLÓR

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

VARIA

MOINHO DE PACIENCIA

CRAZAS PALAVRUCRIDAS
passatempo da moda

Secção dirigida por ORDIGUES

Nota importante.—Toda a correspondência relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA DE PEDRO DIAS, 15 4.º ESQ. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

SPARTANUS N.º 2, DESTERRADO 3324, N.º N.º, BENEDICTO, EDIPO IGNOTO

DECIFRAÇÕES DO N.º 122

HORIZONTAIS.—1 lapa, ma'a, 2 fiél, roda.

3 arder, orais. 4 ri, nimio, ao. 5 odio alar. 6 al, al. 7 urus, emir. 8 ar, noite, ea. 9 espia, antas. 10 rolo, tito, 11 siso, trola.

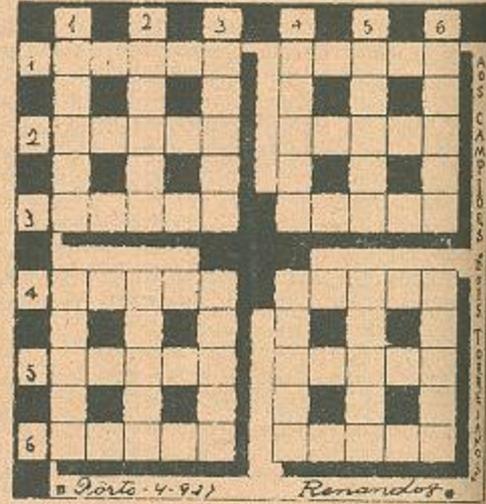
VERTICAIS.—1 far, aer. 2 lirio, urso. 3 aed, par, pli. 4 plenilunios. 5 a, rio, soa, o 6 m, l. 7 m, oia, eta, r. 8 arrolamento. 9 loa, all, til. 10 adiar, reata. 11 aso, aso.

PROBLEMA D'HOJE

Original do nosso illustre co-laborador «Renandof».

HORIZONTAIS.—1 fraco, homem abonecado. 2 tirar disfarçadamente, chora (a criança). 3 abundante, solto. 4 bode, algazarra. 5 vermes que roem a madeira, «planta». 6 navegais, os restos mortais.

VERTICAIS.—1 vileza, «constelação». 2 alardeal, sucia. 3 minucioso, decides-te. 4 galgo pequeno, carecido de algum naipe. 5 toca de coelho, bolas. 6 ruina, trataveis.



Porto 4-921 Renandof

SECÇÃO CHARADISTICA
N.º 2
5.ª SERIE
SOB A DIRECÇÃO DE
CARLOS RODRIGUES
ORDIGUES (da T. E.)
5 JUNHO 1927

Apuramento do n.º 9 (4.ª SÉRIE)
COLABORADORES:

QUADRO DE DISTINÇÃO
EURISTO
N.º 13 5 Votos

N.º 1, de D. SIMPATICO 3 votos
N.º 3, de BIXO KNHOTO 2 1/2
N.º 6 de UTS.

DECIFRADORES
QUADRO DE HONRA

AFRICANO, D. GALENO DROPE, (Todos da T. E.), DITE, EURISTO HOPE, LILI, MAMEGO
Com 13 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO
BIXO KNHOTO (11), SPARTANUS (9), FRAN-GERQUE (8), JAMENGAAL, RENANDOF, UTS (6)

OUTROS DECIFRADORES
MARIANITA (1)

DECIFRAÇÕES
1—simulada, 2—efebo, 3—soletreada, 4—quebrado, 5—orgulhosamente, 6—natal, 7—persina, 8—archeiro, 9—sobretela, 10—bim-fadado, 11—csmata, 12—escolta, 13—VOAR COM AS ASAS DO NARIZ.

PRODUÇÃO MENOS DECIFRADA
N.º 4 de DITE, com 8 decifradores.

DEDICATORIAS
MAMEGO e MARIANITA decifraram o que lhes era dedicado.

EXPEDIENTE.—Reassumindo no proximo numero as funções de director desta secção o nosso amigo sr. José de Oliveira Cosme, (Dr. Fantasma), toda a correspondência deve de futuro ser endereçada para R. Alvaro Coutinho, 17, 7.º—Lisboa.

CHARADAS EM VERBO
1 Que funesta aquela sorte—1 Quando a vez prima te vi Só eu sei o que senti, Ao visar teu lindo porte.
Oh! Se Deus me desse a morte A sonhar junto de ti Nesse instante em que teei Este amor sincero e forte!
Como seria ditoso Morrer tão grato e gostoso Nessa luz do teu olhar,
Tornar-se-lha bem maior—1 Na minha alma este fervor A paixão que sinto arfar...

VERGILIOTIAS
A Bixo Knhoto como refrigerio
2 Não se queixe meu digno confrade,—1 Dos trabalhos aqui publicados; Acredite que é contra vontade—2 Que eles saem assim complicados.
Lisboa MARIANITA
Ao ilustra director desta secção, Ordigues

3 Grande comedia, o amor! Peça antiga, de successo—2 Garantido. O seu autor estava de-certo possesso

Ao inventar tal farçado... Amô!... Palavra que tem—1 Só beleza e é sagrada Quando dada a nossa mãe;
Amô!... palavra ditosa Aquela do Hom Jesus; Amor, da Virgem chorosa Vendo seu filho na Cruz
Eis amor, eis a Verdade; O resto não é Amor. E' impudica vaidade Que a Morite leva, sem dôr...

Lisboa UTS
Com a basofia de fazer tremer o pedestal da illustre Mamego
4 Quem despreza uma riqueza—3 Em ocasião oportuna Faz pena, pois mostra ter—1 Pisado aos pés a Fortuna.

Lisboa JAMENGAAL
5 Quem ama sinceramente, Com pureza de intenção, Quanto maior é a paixão Menos se mostra exigente:
Uma palavra, um sorriso,—2 «Um» olhar termo, amoroso,—1 E, nada mais é preciso Para o tornar venturoso.

Lisboa BAGULHO
CHARADAS EM FRASE
A distinta charadista Marianita
6 A mulher que prende o coração do homem não deve ser chamada mentina brejeira.—2-1

Lisboa AFRICANO
Agradecendo ao confrade Dite a sua Reaviado, belo In-cantivo

7 A maioria tertuliana faz pouco caso de precetos moralisadores como os que tenho expendido na minha campanha, e por isso se explica, que não sinto pena de os ter tido em menor conta.—4-1

Lisboa VISCONDE DA RELVAA
8 Miligui-te o sofrimento para teres na «existencia» um pouco de lenitivo.—2-2.

Porto RENANDOF
9 Estou vendo daqui uma «mulher» leviana.—2-2

Lisboa BIXO KNHOTO
10 Só o ensina fazendo-o assentar praça na marinha, que é onde melnor pode ser corrigido—4-1

Lisboa DROPE
11 Infelizmente, nesta pobre esfera terrestre, diferen-ça-se muito mal o sincero do individuo mentiroso.—2-2

Lisboa DITE
12 Se o negocio não acaba de decidir-se já, onde se combinou, não diga depots haver eu hesitado em o realisar.—4-1

Lisboa D. GALENO
13 Toda a gente sabe que aquella bruxa que mora numa grande povoação é caracterisada pela sua artelricia.—2-3

Ermeziada FOFORONOFF
14 A «mulher» que está ao serviço do sacerdote, lce uma bela canja com a galinha d'ag-a.—2-2

Lisboa DOIS PRINCIPIANTES
15 Pendura lá, visto seres tão teimosa os brincos dados em dia d'anos.—2-2

Lisboa CASTROLIVA
16 Não acerta onde tiver cometido erro—3-1

Lisboa REI FERA
17 A «trombeta de guerra» na India Portuguesa não constitue para quem a toca, motivo para ser insultada com palavras.—2-1

Lisboa SPARTANUS
18 E' já o terceiro «animal» que tiro da cova—1-1

Colmbra FRANGERQUE
19 O dono da japona apanhua um soco do homem friste, por o julgar culpado.—2-2

Lisboa MINDOGOS

ANTIGA RELOJOARIA OLIVEIRA
Ha grande sortido de relgios em todos os generos, afiançando-se toda a relojoaria, assim como os concertos.
30, PRAÇA DOS RESTAURADORES, 21
PALACIO FOZ



A ROMAGEM MARAVILHO.
SA—contos por Jaime de Balsemão.

Ainda ha pouco tempo, tive ocasião de louvar o colorido vigoroso e sóbrio da prosa com que o sr. Jaime de Balsemão compõe os seus contos de original entredo. Longe de mim a ideia de reconsiderar sobre a excelente impressão em mim deixada pela maneira literaria deste escritor, bastante «anatoliesco» na preocupação de vernacula sociedade. Mas, em boa verdade, ouso confessar que a nova serie de contos agora publicada sob o titulo de «Romagem Maravilhosa», tendo o mesmo belo aspecto grafico, de in xcedível bom gosto, que valorisa a anterior colectânea já aqui mencionada, não tem a mesma beleza e até lhe é bastante inferior, quer pela arrezvada complicação dos temas, quer pela abundancia de vícios contrar os á pureza, á harmonia, á clareza do idioma, as três virtudes teologais do estilo. Não é sem cansaço que se leem as duzentas paginas desta brochura de ares tão convidativas.

O sr. Jaime de Balsemão abusa da evocação de ambientes diluidos na bruma das idades, e, embora se perceba facilmente que possui uma notavel cultura classica, deveria talvez arrecear-se mais de tão perigosas digressões por distantes climas. Neste seu ultimo volume prefiro, francamente, os contos que não me obrigam continuamente a recorrer aos meus conhecimentos historicos e mitológicos.

Prefiro a todos, «Um Poe a silente», onde se revela exuberantemente todo o real valor

literario do nome que subscreeve. «A Romagem Maravilhosa».

O POBREZINHO DE ASSIS—versos de Clotilde Mateus

Uma deliciosa colecção de liricas unguidas do mais suave misticismo. E' altamente consolador ver uma alma de mulher artista, cheia de piedade e de amor divino, afastar-se, decidida, do apertado caminho onde se acolorelam tantas poetisas de amor terreno, e desgir-se, isolada e guiada apenas pelo instinto, para o trilho onde mais luminosamente podiam comungar com a alma dos outros.

Surpreende, pela clarissima simplicidade, pela musicalidade quasi perfeita, pela ternura cristã, esta colecção de liricas seraficas que, pela unidade do pensamento, constituem quasi um poema.

Sinto-me feliz por poder saudar a poetisa que não atraçou o espirito de humanidade e de serena certeza de convencer, que se exalta de todas as palavras e de todas as acções desse que foi o mais pobre dos pobres da terra, por ser o mais rico de graças do Ceu.

DIVULGAÇÕES JORNALISTICAS DE JUSTO DE LARA — III Enrique Molina, tradução de Afonso Faria de Castro.

Trata-se da curiosa biografia dum grande jornalista cubano, que serviu de assunto a uma tambem muito curiosa conferencia que Enrique Molina realizou no Sindicato dos Profissionais da Imprensa. Porque é uma alta lição de probidade profissional e porque chama a atenção para uma grande figura de intelectual quasi desconhecido entre nós, é um trabalho digno de todo o interesse. A tradução de Faria de Castro é quasi perfeita.

Tereza LEITÃO de BARROS.

VARIA

A "Estrela Negra"

A «Estrela Negra»! Parece um título de Julio Verne, parece um enigma da Natureza, e resulta harmonioso, misterioso, lindo...

Mas—já todos o sabem—a «Estrela Negra» é uma mulher, profunda e perturbadoramente morena, que completou, no dia 3 deste mês, 21 anos, pois que nasceu a 3 de Junho de 1906, em São Luís, estado do Missouri. É uma mulher que, ha um ano e meio, faz pa-

do Faubourg Sainte Honoré, com particula no nome—que não invejem as pernas negras de Josefina Baker, a maior das Josefinas!

A um jornalista que lhe sugeriu a publicação dum livro de memorias, a «Estrela Negra» respondeu com esta frase deliciosa: «Mals je ne me souviens pas encore de mes souvenirs».

A familia de Josefina é constituída por um bisavô, uma avô, a mãe, um irmão e duas irmãs, gente que, ha vinte anos, vivia em extre-



Josefina Baker, a rainha do «Charleston», que é, ha ano e meio, o «fetiche» negro dos parisienses.

gar as cadeiras das Folies Bergères a 150 francos e sai, com um saio de penas verdes, sorrindo e mostrando os seus dentes sólidos e brancos, dum grande bola de rosas que sai pesadamente do tecto sobre a folgazã scena parisiense... Sai da bola de rosas e começa, acto continuo, o seu infernal «charleston», com mil ritmos loucos, que na sua expressão mecânica chegam a tomar aspectos de sinbolo triste, simbolo da vida mecânica dos escravos, da vida escrava dos negros.

Josefina Baker ensinou Paris a dançar o «charleston», e não ha pernas brancas de verdadeira parisiense—desde as pernas imortais da Mistinguett ás de qualquer «demoiselle»

ma pobreza. Apesar disso, Josefina sempre se arranjava de maneira a ir ao domingo ver dançar, por quinze centimos, no Basher Washington Theatre.

Uma das suas manias era trazer para casa todos os animais abandonados. Os cães, os gatos, as cabras (actualmente tem 7 cães, 3 gatos, 1 papagaio, 2 periquitos, 1 pedicinho vermelho e 2 cabras, uma das quais chamada «Tontoute», que ela propria alimenta a biberon)—são, como o «charleston», a sua grande paixão. As crianças tambem lhe despertam o maior interesse, e os pequenitos parisienses mais pobres já têm beneficiado bastante com a sua generosa simpatia.

Canetas com tinta

O que ha de melhor

CONCERTAM-SE CANETAS

DE TODAS AS MARCAS

PAPELARIA DA MODA

167, RUA DO OURO, 173

LISBOA



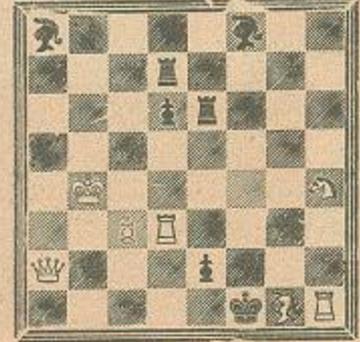
XADREZ

A correspondencia sobre esta secção pode ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 57

N.º 125—PROBLEMA

Por G. Healticote

Pretas (7)



Branças (7)

Mate em dois lances

Solução do problema n.º 124

(Pybus)

1 C e 4—g 5, R h 8—g 8; C g 5—h 7, R joga;
3 B e 1—d 2, R joga; 4 B d 2—e 1, R joga;
5 B c 1—a 3, joga, 6 C h 7—f 6 etc.

Resolveram o problema N.º 123 os srs. Nunes Cardoso e Bernardo Diniz de Ayalla.

Aos dezasseis anos, Josefina fez-se «gíol» de Music-Hall, debutando em Filadelfia, no Standart Theatre. Em seguida foi para Nova-York, onde passou dias sem comer, dormindo na rua.

Actualmente, ganha, mensalmente, uma fortuna, que largamente compartilha com a familia.

Atribui a uma pata de coelho, que nunca larga, a sua rapida victoria. Quando Josefina se exhibia no Plantation Music Hall, em Broadway, uma senhora, empregária, ofereceu-lhe 150 dólares por semana, para ela fazer parte duma «troupe» que ia partir para a Europa. Recusou. Ofereceu-lhe 200 dólares. Recusou ainda... Ofereceram-lhe 250. Aceitou, doida de alegria, e beijou loucamente a sua pata de coelho. A 15 de Setembro de 1925, partiu, no «Berengaria», para Cherburgo. Paris abriu-lhe os braços...

E' muito supersticiosa, como quasi todos os negros. Tem grande agouro em que alguem assobie no seu camarim e em passar por debaixo de uma escada. E' profundamente religiosa.

Ha domingos em que chega a dançar dezoito horas, em vinte e quatro.

E' proprietária do «cabaret» chamado «Chez Josefina Baker», onde só pode aparecer á 1 hora e um quarto, depois do espectáculo nas Folies Bergères. Depois de entrar, de distribuir serpentinas e bonecas pelas mesas onde cada garrafa de «champagne» custa 200 francos, dança, primeiro, só, e depois com alguem que convida, homens e senhoras... E quando cada frequentador de «Chez Josefina Baker» paga em dólares, em florins e em marcos, as suas contas «monumentais», já ha uma boa hora que a «Estrela Negra» se eclipsou, e dorme, extenuada e feliz.

Os insectos das arvores

Evita eficazmente que as arvores sofram os enormes prejuizos que causam todos os insectos, usando-se o acreditadissimo produto americano:

Cola «TANGLEFOOT»

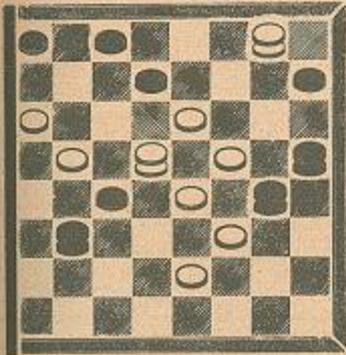
A' venda na DROGARIA CEZAL

De ALBINO GARCEZ 12, Rua do Comercio, 14

DAMAS

PROBLEMA N.º 124

Pretas 3 D e 5 p.



Branças 2 D e 7 p.

As Brancas jogam e ganham.

Solução do problema n.º 123

Branças	Pretas
19-23	26-9-28
7-11	16-7
10-14	28-10-17
13-22-20 D	8-22
29-11-29	
Oanha	

Resolveram o problema n.º 122 os srs.: Alvaro dos Santos, Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Carlos Genes (Bemilca), José Brandão (Infantas), Mario Domingos Pereira, Miguel Jesus Fanamacho (Villa Real de Santo Antonio), Neolame (Figueira da Foz), Victor dos Santos Fonseca.

O problema hoje publicado foi-me enviado pelo sr. Artur Santos, que o dedica ao illustre amador sr. Armando Machado.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do Jogo de Damas. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes. Cardoso.

Barreira de sombra

CAMPO PEQUENO

A festa artistica dos primorosos cavaleiros João Nuncio e D. Ruy da Camara não deixou má impressão á numerosa concorrencia que quasi encheu a praça, sendo para lamentar que a má qualidade dos touros não tivesse favorecido o trabalho dos lidadores, escolhidos elementos que, por vezes, mesmo com rezas mansas, levantaram ruidosos aplausos.

O espada «Villalta», de enorme estatura e muita valentia, não é grande bandarilheiro, consistindo o valor do seu trabalho na forma elegante e muito cingida como executiva variados e muito interessantes passes de capote e com muleta; mesmo abusando da mão direita, não desagradou a sua «faena» entrecortada de olés...

Eximios lidadores, os dois peões do espada, que bandarilharam com raras vezes o temos visto nos ultimos tempos.

João Nuncio teve que farpear cinco touros, por motivo do desastre que sucedeu, em Estremoz, a D. Ruy da Camara, não permitir que este comparecesse.

O festejado cavaleiro de Alcacer diligenciou, com muita proficiencia e não menos difficuldade, sobresair nos cinco ruminantes, terminando a lide do primeiro touro, com um excelente par de bandarilhas como ele sabe colocar.

Luciano Moreira, que reapareceu nesta praça após uma longa ausencia de duas epochas, cravou ferros de palmo e compridos, no segundo touro da corrida, ouvindo aplausos. Incansáveis na brega, os bandarilheiros «Alfaro», Muñoz Crespo e Antonio Dias.

Os forcados de Santarem, rapazes muito destemidos, pegaram valentemente todos os touros, de cara e de cernelha.

Foi muito notado, na direcção da lide, a cargo de D. Vasco Fontalva, o erro de ter sido pegado duas vezes de cernelha o mesmo touro.

Assistiram á corrida, até final, o sr. general Carmona e todo o ministerio.

ZÉPEDRO

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

actualidades graficas

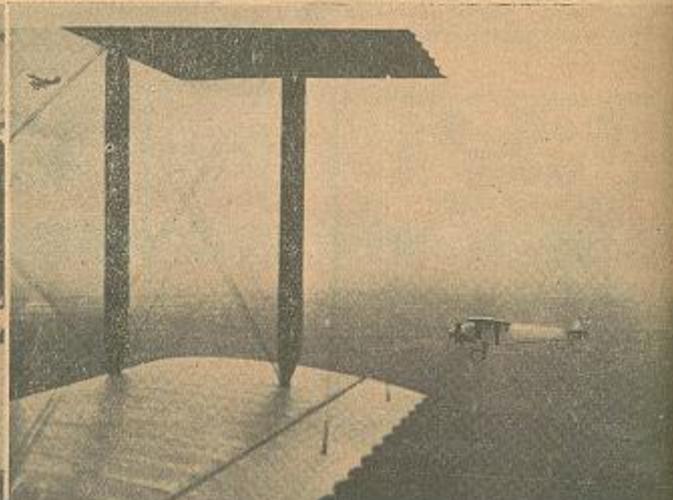
A GLORIFICAÇÃO DO "AZ DOS AZES"



Recepção solene a Lindbergh, na Camara Municipal de Paris.



Partida para Bruxelas do «Águia do Far-West».



Em Bruxelas. O avião de Lindbergh é recebido pela esquadri-
lha belga.

FESTA DE CARIDADE NO JARDIM DA ESTRELA



Um aspecto da Festa de Caridade promovida pelas senhoras da melhor sociedade.



A juventude americana condecorada com a gran-cruz da Legião de Honra.—Lindbergh, com o Presidente da Republica Francesa e o Presidente da Legião de Honra, momentos depois da condecoração.

A OURIVESARIA PORTUGUESA



Duas belas peças da ourivesaria portuguesa, admiravel manufactura da Casa J. e M. Pedro Fraga, da Rua da Palma 82.

A PARADA DO "28 DE MAIO"

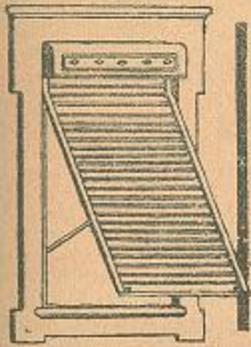


Bancadas de assistência á parada militar realizada no campo do Jockey Club.



Um obus passando em continencia.

PUBLICIDADE



**STORES
GELOSIAS**

Os mais perfeitos e mais baratos.
Unicos que resistem ao sol e á chuva.
Encomendas rapidas na
RUA MARIA ANDRADE, 11
LISBOA

ALVES & GUERRA, L.^{DA}

ACESSORIOS E FERRAMENTAS PARA AUTOMOVEIS

TELEFONE 54'6 N.

ARMAZEM DE VENDAS: — 47, Rua Alves Correia, 49
ESCRITORIO: — 43, Rua Alves Correia, 43
LISBOA

FOGÕES ECONOMICOS!!

350\$



ASSA
GRELHA
COZE
FERVE
E NÃO
SUJA

SEM FUMO
SEM CHEIRO
SEM CINZAS

EM 12 PRESTAÇÕES MENSUAES

CADO GAZ VER AS NOSSAS MONTRAS
RUA DA BOA VISTA 35

Tudo

Consegue, Rua do
Sol ao Rato, 21, 3.º

**MOVEIS E ESTOFOS
Ao Confortavel**

DE
NASCIMENTO PIEDADE

TELEFONE NORTE 3968

Rua da Palma, 109 a 115, 1.º
LISBOA

**EM PLENA
MODA**

Chics chapéus, belas toilettes,
côres novas,
ultimas criações,
preços baratissimos
E' na casa de modas

Lopes & Maia, L.^{da}

RUA AUREA, 269

que se reúnem todos estes caprichos
da moda actual.

Telefone Norte 2838

The Motor Car Stand L.^{da}

Representantes das acreditadas marcas de automoveis

Pierce - Arrow - Kissel e Pontiac

11 - RUA PAIVA DE ANDRADA - 13

Telefone 3100 C.

LISBOA



Aparelhos foto-
graficos,
chapas, peliculas,
papeis
e accessorios,
dos
melhores fabri-
cantes.

Especialidade
em
trabalhos para
amadores.

Reportagens em todos os generos e em qual-
quer po to do paiz. Pessoal habilitado em re-
portagem desportiva e actualidades.

A. ABELLA, L.^{DA}

MOBILIARIO E DECORAÇÕES

108, Rua da Palma, 114

LISBOA

A. CRUZ L.^{DA}

R. DA MADALENA, 29, 2.º - LISBOA

Telefone C. 1143

Armazem de productos
químicos e especialidades
farmaceuticas nacionais e es-
trangeiras

GASES E ALGODÕES

ARTIGOS DE BORRACHA
E UTENSILIOS PARA LABORATO-
RIOS E CIRURGIA

Fornecimentos completos para
Farmacias e Hospitais

Importação directa

EX.^{MAS} SENHORAS

Participamos a V. Ex.^{as} que inaugurámos a nova secção de
CABELEIREIRO PARA SENHORAS E CRIANÇAS

MANUCURE E MAÇAGISTA

nos nossos ateliers de MODAS E CONFECCÕES da Avenida Almirante
Reis, n.º 29, 1.º D.º (aos Anjos)

Sob a habil direcção do Sr. Reginaldo Cruz, ex-empregado do Salão Tivoli
Ema Noronha, Ltd.

AUTOMOBILISTA LIMITADA

160, RUA ALVES CORREIA - LISBOA

Sempre o maior sortimento de accessorios para automoveis

PRONTA EXECUÇÃO NOS PEDIDOS DA PROVINCIA

PREÇOS DIMINUTOS

End. telegrafico: AUTOMOBILISTA

Telef. 4218 Norte

Antiquidades

A venda e em exposição no BRIC-A-BRAC ESTRELA.—Calçada da Estrela,
57, (esquina da Rua Miguel Lupi).

Salão Elegante das Avenidas

ATELIERS DE ROUPARIA E CHAPEUS PARA SENHORAS

Sempre os ultimos modelos.

ENXOVAIS PARA NOIVAS—Meias de seda, Perfumarias e Novidades

Secção de CABELEIREIRO PARA SENHORAS E CRIANÇAS

Cortes pelos ultimos figurinos, ondulação Marcel, pinturas, etc.

49-A, AVENIDA DA REPUBLICA, 49 C.

Telefone Norte 5689

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING

A maior tiragem de todos os semanarios portugueses

O DOMINGO

ilustrado

ASSINATURAS

CONTINENTE E HESPAÑA

ANO - 48 ESCUDOS -
SEMESTRE - 24 ESC -
TRIMESTRE - 12 ESC -

ASSINATURAS

COLONIAS

ANO 5220 - SEMESTRE, 2600
ESTRANGEIRO
ANO 6426 - SEMESTRE, 3200

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS - THEATROS, SPORTS & AVENTURAS - CONSULTORIOS & UTILIDADES

**Este numero
foi
visado
pela
comissão
de
censura**

LISBOA • BRISTOL CLUB • DANCING